



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

ANO XVIII — N.º 451 — Preço 1\$00
24 DE JUNHO DE 1961

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO * PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA * DIRECTOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO CORREIO PARA PAÇO DE SOUSA * AVENÇA * QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRÁFICAS DA CASA DO GAIATO

TRIBUNA de Coimbra

Hoje, dia da Raça Portuguesa, dia da Unidade Nacional: sem distinção de cores, ou de castas, ou de credos. É o Dia de Portugal. Portugal de Timor, de Macau e da Índia; Portugal estendido pela África até vir tocar neste cantinho da Madeira ao Alto Minho. Portugal todo. E podemos dar um salto até à América e também ali vamos encontrar a Raça Portuguesa. Na minha vida (e os meus cabelos já são mais brancos do que pretos), é a primeira data de agitação. A nossa vida nacional está ameaçada. Irmãos Portugueses estão a derramar sangue. Famílias Portuguesas estão desmanteladas. Vários filhos nossos partiram para Angola a defender a integridade da Pátria e foram convencidos de que não voltam ao cantinho onde nasceram. No último abraço e na última bênção que lhes dei, recomendei-lhes que a Pátria é a mesma e Deus é também o mesmo Senhor em toda a parte.

Se não fosse a prisão a cem filhos que Deus e a Sociedade me confiaram, também eu iria auxiliar os que estão mais perto das chamas e, se necessário fosse, deixar-me-ia queimar. Assim, de longe, queimo-me pedindo ao Pai Celeste que nos guie a todos ao porto do bom caminho.

«Quem poderá do mal aparelhado
Livrar-se sem perigo, sãbiamente,
Se lá de cima a Guarda soberana
Não acudir à fraca força humana?»

Camões

Hoje é o Dia da Consciência Nacional. Cada português toma consciência da sua missão patriótica. Ainda ontem ouvi da boca de um oficial do nosso Exército que estamos a viver neste momento de uma reservazinha que os nossos antepassados angariaram e que Deus

tem conservado. Há quantos anos andamos nós numa vida sonolenta! É a hora de despertar.

Outro dia um Médico Especialista de Coimbra dizia que só uma cruzada de orações e boas obras nos podia livrar. Estou certo que já muito se tem feito ultimamente neste campo. Mas não basta. É necessário que seja um despertar colectivo em oração, em mudança de vida, em obras de justiça, em amor fraterno. Temos de lucrar os anos que desperdiçámos.

Não bastam as nossas forças militares nas linhas da frente. Todos nós, que continuamos nos nossos postos, temos de ser a trincheira segura da retaguarda: Unidade em Deus e na Pátria.

Padre Horácio

CASAMENTOS

As gazetas e as revistas semanais de circunstância também costumam trazer notícias e fotografias dos consórcios catitas que se vão realizando por aí fora.

Nós não é para ficarmos em menos nem para exibirmos elegâncias — mas estou a ver que também temos que contar com esta secção habitual, na medida em que vamos registando (e registarmos nós é darmos notícias aos leitores) o crescimento da Família.

Ainda aqui falta uma foto, a do Cid, que está em Londres e casou por procuração. Temos fotografias dela, mas nós não queremos desunir, grãficamente, a quem se uniu em Deus para todo o sempre.

Temos esperado que de Londres venha cartinha e nela retrato dos dois. Como não veio, aqui vão as dos outros quatro que recentemente fundaram o seu Lar.

Uma vai no Cantinho dos Rapazes. É a do António Filomeno Gonçalves e sua Mulher.

Outra é do Manuel Figueiredo, outrora o «Manel Risonho», que trabalha na R. do Almada e mora em Vila Nova de Gaia.

Outra é a do António Manuel da Silva, o «Toneco» que mora perto e trabalha na nossa Casa de Beire.

Finalmente o Daniel Gomes de Oliveira que foi de Paço de Sousa e do Lar de S. João da Madeira e ora casou e mora no Rio de Janeiro.



Manuel Figueiredo e esposa.



O Daniel que casou no Rio de Janeiro.



O António de Beire.

FACETAS DE UMA VIDA

TERMINADA no último número aquela preciosa coleção de cartas que temos vindo a publicar desde há dois anos quase, com um bem de que nos chegam vários ecos, mas cujo efeito total só Deus conhece — eis que o mesmo Amigo, providencialmente, pôs esta semana em nossas mãos segundo «dossier». Este segundo não quer dizer relação com a data das cartas. Algumas — a maior parte — são anteriores às já publicadas. A separação da correspondência do Américo daquele tempo, implica uma clas-

sificação dela: A mais espiritual; a que trata sobretudo de negócios.

Por isso o Amigo nos ofereceu primeiro aquela, pensando que esta não interessaria. Ainda que menos directamente, estas cartas revelam, todavia, traços característicos da fisionomia moral do Américo, que foram o terreno de cultura, a preparar a germinação do Pai Américo. «A natureza não faz saltos» — diz o Filósofo. As conversões só muito raramente serão «ex-abrupto». E até, a caminhada nos contrários é, algumas vezes, o meio de que

Deus se serve para trazer os de boa-vontade, dos seus caminhos para o Seu Caminho. Não foi assim com Saulo, o perseguidor de Cristo, que indo à procura de Ele para o despedaçar, se encontrou com Ele para O servir e O revelar?!

Nestas cartas em que não há ainda a preocupação consciente de problemas espirituais, descobrimos instantâneos, de uma espontaneidade inegável, que nos ajudam a conhecer a mentalida-

de, a alma grande e livre do Américo, e a compreender como Deus Se preparava para a encontro de Si (do Amor!), no momento que Ele marcara desde a eternidade.

Estas cartas serão dadas, portanto, menos por inteiro. Iremos a elas e retalharemos os tais instantâneos. Que Deus nos ajude a bem escolhê-los, sem deixarmos nenhum por mostrar — e possamos assim entreter com este saboroso manjar a fome de tan-

tas almas de boa-vontade, algumas errantes por caminhos desviados, mas para quem, apesar de tudo, permanece o oferecimento dos Anjos na noite de Natal: «Paz... aos homens de boa-vontade».

x x x

Um traço de humor:
Sobre a loja «Chic»: Da aparência externa do estabe-

continua na página três

É ainda uma carta que me dá o mote. Não admira! «O Gaiato» é isto: diálogo vivo sem polémica. Notícias que vão, trazem notícias. Notícias que chegam, levam notícias. É uma circulação ininterrupta, vital. Que não fosse por mais nada, esta razão justificava o título que há muitos anos alguém lhe deu: Famoso!

A carta vem das Caldas das

Taipas e traz uma urgência: «Venho pedir-lhe que por Deus Nosso Senhor se baixe com amor e caridade a este lar tão honesto mas pobrezinho com uma pequena esmola que me ajude a defender e conservar a minha casinha por mim desejada há tanto tempo».

E, depois de me expor a sua situação comprometida por juros e juros de juros (rasteira que afoja tão amiúde a vida dos Po-

DOCTRINA

bres), este operário fabril, pai de «seis filhos muito amados, os quais só por mim tenho sustentado e educado», conclui:

«Em resumo: um homem não é homem, sem um homem que o ajude.

Ó verdade! Eu não sei onde este homem a foi buscar. Talvez a Deus... Decerto a Deus, que fala pela boca das crianças, dos humildes!

Um homem não é homem... Um homem... — todo o homem... — cada homem... A afirmação é universal. Ninguém lhe escapa. Não importa que o indivíduo seja poderoso em bens ou em ciência. Tanto faz que comande, como sirva em obediência... Um homem não é homem..., não realiza a sua humanidade, jamais porá em acto as suas potencialidades, sem um homem que o ajude.

É o papel do outro, do próximo, na nossa vida. Nem o Santo tem suficiência na sua santidade. Ela é sua na medida em que fôr recebida da santidade do Corpo a que pertence e comunicada ao mesmo Corpo, mais crescida, para crescer a santidade d'Ele, que é infinita e constante na Cabeça — Cristo — mas sempre perfectível e crescente nos membros — os homens que aderiram a Cristo.

Se o Santo, por hipótese, pensa ser homem sem a ajuda de outro homem, nesse mesmo instante teria sepultado em orgulho a sua santidade.

Como seria o mundo se os homens entendessem assim e legislassem e vivessem à luz deste princípio?! Nem o poderoso oprimiria o fraco; nem o rico

exploraria o pobre; nem o sábio desprezaria o ignorante; nem o perfeito fugiria ao pecador.

Nosso Senhor veio para os pecadores, como o médico para o doente. Deu muitos talentos intelectuais a pouco, para que houvesse mestres para a multidão de discípulos. Distribuiu desigualmente os bens da Terra, para que os homens os redistribuissem segundo a Justiça e merecessem o prémio da sua fidelidade. Pôs o poder nas mãos de alguns, para que servissem os outros. E Ele mesmo tudo exemplificou.

O nosso operário diz uma verdade total (verdade no verso e no reverso) quando pede que «por Deus Nosso Senhor se baixe com amor e caridade a este lar...» Este acto, que para si é baixar, é na verdade uma elevação aos olhos de Deus, porque descendo ao Pobre em sua necessidade, subimos a Cristo que com ele Se identificou.

E se o poderoso não se ser-

visse do fraco, mas o servisse; e o rico não explorasse o pobre, mas o utilizasse e repartisse com ele os bens que ele ajudou a juntar; se o sábio se desse à doce cruzada de ensinar pelo amor de todos saberem o mais de que são capazes; e aquele para quem a perfeição é mais fácil se abrisse à compreensão e ao amparo dos outros para quem ela é difícil — se todos os que têm talentos, sejam de que espécie fôr, se debruçassem sobre os que não têm, como o sementeiro sobre a terra fértil (mas não só por si), na consciência plena de que ao colher a sua posição será erecta, de braços e fronte erguidos para as alturas — se assim fosse, também não teriam lugar os lobos vestidos de cordeiros, que prometem (e talvez procurem, alguns sinceramente) uma igualdade que não é da natureza; e acaba por ser contra a natureza, aos quais lobos todos chamam flagelo, como se cada um de nós, na medida da sua infidelidade, o não fôsse também!

Um homem não é homem, sem um homem que ajude.

O nosso operário aprendeu esta verdade da sua pequenez.

Deus permita que os poderosos, os ricos, os sábios, os perfeitos a não ignorem por causa da sua grandeza!

Africa

Um ano passou. As recordações permanecem. Tão fundas elas são que, apesar da nossa frágil memória (Pai Américo chamou-me um dia o «esquecido n.º 1 de Portugal») fechamos os olhos e revemos, quase dia a dia, pormenor por pormenor, a viagem realizada! Tão indeléveis são elas que, sem um apontamento (nem o tempo por lá, nem depois aqui, nos deu para tanto!), nós temos meditado impressões e relatado factos — e ainda vamos a meio da nossa visita a Angola, justamente da Cela para Nova Lisboa!

Esta é uma cidade moderna e bonita. Feita para capital, ainda hoje conserva potencialidades para o ser. Centro de um rico planalto, centro de Angola, o pensamento que a levantou foi o mesmo que fez nascer Brasília. Apesar disso, apesar de ter chegado a ser oficialmente a capital, Nova Lisboa ainda não destronou Luanda, mais linda, com certeza, mas de pior clima e, sobretudo, mal situada para coração da Província.

Entretanto, na sua categoria de segunda cidade, esgrime amigável duelo de bairrismo são com Benguela, a qual, por mais antiga e por equilibrada em números — aqueles mesmos que significam a grandeza das urbes — se não conforma com aquela classificação.

Aterrámos ao fim da manhã, num aeroporto que, esse não está à altura da cidade que serve! Esperavam-nos do Paço, a quem tínhamos pedido fosse o nosso agente na demanda a Nova Lisboa. Esperavam-nos amigos, entre eles um sobrinho de Pai Américo, companheiro quase inseparável daquelas 24 horas.

Foi pouco. Vinte e quatro horas são nada seja onde fôr... Menos em Nova Lisboa! Logo o percebemos; porém, a alteração do programa implicava uma quebra em toda a sequência de visitas e já então marcáramos nossa chegada a Lourenço Marques em 16 de Julho. Tivemos de nos bastar com aquelas 24 horas!

Talvez porque tão pouco ficámos a conhecer de Nova Lisboa, também tão pouco ela nos ficou a conhecer! Gastámos o resto da manhã e a tarde, em visitas a pessoas e instituições. Foi um salto ao Laboratório de Patologia Veterinária, esplêndida unidade de investigação ao serviço da Pecuária. Foi outro salto à Casa dos Rapazes, a qual, começada ao tempo fora da cidade, já hoje se acha rodeada por bairros residenciais. Ficou em nós a pena de não podermos ver a Estação de Melhoramento de Plantas, os viveiros municipais e o Jardim Zoológico. Mais pena e prejuízo de não irmos a Vila Robert Williams, nem à Fábrica de Celulose no Alto Catumbela, nem a outras empresas agrícolas e industriais.

À tardinha reunimo-nos com os poucos que apareceram na excelente sala do «Ruacaná», que a Empresa pôs à nossa disposição. A dor que já trazíamos de Luanda repetiu-se aqui. As duas primeiras cidades de Angola foram as mais esquivas ao clamor de Evangelho que lhe levávamos. O Lobito havia de ocupar o terceiro lugar nesta surdez. Eu não culpo ninguém. Torno a confessar que atribuo as culpas à pressa com que passámos.

Manhã seguinte, após a missa na capela do Paço Episcopal, onde a bondade do Prelado nos quis alojar aquelas 24 horas, fomos às oficinas do Caminho de Ferro de Benguela, para onde foi há dias um dos nossos, o *Nelas*. Estas oficinas, que são das melhores, senão as melhores de África ao sul do Equador e toda a zona residencial e de convívio reservado ao Pessoal da Companhia, a qual, por si só, faz uma cidade — davam-nos para dias. Foram umas escassas duas horas.

A meio da manhã passava o avião para Luso, onde fomos almoçar.

SETUBAL

Ausente — foi a resposta da-quele Senhor a quem mandei nova carta num momento de aflição. Por cima da direcção, no mesmo envelope, depois de abrir a carta e ver o seu conteúdo, atreveu-se a escrever ausente e a fechar o envelope com uma cola um pouco É rico... Em contrapartida as

presenças têm sido às centenas. Ricos ou pobres, não importa. O que interessa é a presença. Com ela vamos em frente.

O princípio do ano foi carismático. Eu tive pena!... nhoso e consolador. Vai aumentando o número dos Setubalenses que se interessam por nós. Graças a Deus! De outras paragens aonde chega o eco da nossa voz temos ouvido respostas de muito apreço.

Um guarda-louça de mogno, antigo, bom, de alguém que está sempre a dar. Conservas do Senhor Gargalo. É quem nos tem valido. Muitos conserveiros nos esquecem. Por uma Senhora costureira 50\$00 mensais de alguém que se obrigou a subscritora. Maria Helena mandou para as amêndoas dos Gaiatos 250 por alma da Mãe e 200 por alma do Pai. Por falar em amêndoas; a Páscoa deste ano trouxe uma enchente delas. Um amigo assíduo trouxe uma suca das ditas, mais o desconto e mais mil e na nossa festa pôs-me na mão quinientos.

Nos Correios 30 ao Crisanto e a mim, por duas vezes, não sei quanto, mais calçado e roupa.

Uma vicentina enviou seis camisolos feitas durante licença graciosa! Dois pobres vieram em peregrinação pagar uma promessa: cinquenta!...

Os vicentinos deixaram-nos pela sua reunião anual 1.674\$80. De Azeitão um vale de mil.

A Quinta do Anjo continua a marcar: 450 pela paz, mais cem duma admiradora da Obra, mais 20 doutra, intenções, roupa, mercaria e bolos; nos anos do Evaristo e da Francelina cem, um jato dum tropa e outras peças.

Visitas 25, mais 50, mais vinte mais 30, mais 50, e mais vinte dum anónimo. A anónima que nos dá cem mensais pelo Setubalense entregou-me 500 no fim da nossa festa. As capas tinham

Luz da Luz

Peço-lhe que no Jornal «O Gaiato», mande pôr a direcção duma Mãe que precise de auxílio.

Tenho dois filhos, de 17 e uma menina de 5. As suas roupas deixam de lhes servir e eu gostaria de as mandar a quem delas necessitasse. Além disso, gostaria de visitar uma Mãe a quem pudesse levar algum lenitivo aos seus males.

Queria que o meu filho me acompanhasse para aprender a dar generosamente e com caridade, é rapaz e não é mau, mas vendo as necessidades daqueles a quem socorremos, o seu coração abrir-se-ia mais e tornar-se-ia mais compreensivo vendo o que sofrem aqueles que sendo como nós, sofrem mais que nós a quem Deus tem dado o suficiente para viver.

Não somos ricos, vivemos unicamente do ordenado do meu Marido, mas dentro disso, gostaria de ser boa para alguém que precise e sofra.

Uma Mãe agradecida

Nota da Redacção:

Aí vai a direcção pedida:

Casa 4 — Bairro D. António Barroso

MIRAGAIA — PORTO

Cantinho DOS RAPAZES



O António Filomeno

Eu não sei se os nossos de Paço de Sousa repararam na passagem tão discreta quão insinuante que o António Filomeno Gonçalves, o «Foscoa», e sua Mulher, fizeram por entre nós este fim de semana. Quem dera que sim!

Se nós vivemos como uma Família e procuramos adaptar a nossa estrutura à das Famílias naturais; se a maior parte de vós (Até hoje, todos vós) não tivestes sinais de vocação mais excelsa do que a vocação

2.532\$ e a venda dos bilhetes rendeu à volta de nove mil.

O Luisa Tody foi cedido gratuitamente. A Gerência e seus operários encheram-nos de atenções e das suas cotas entregaram quinzentos.

Resto de uma prenda de anos 77\$50. Roupas, caixotes de muitas coisas velhas que em nossa casa são preciosidades. Duma Senhora que não foi à festa 20, doutra cem. Alguém que veio pagar a assinatura e se escapou com medo de ser descoberto 500 e o mesmo dum casal mais os seus cinco filhos e roupas e muita atenção.

Do Largo Garcia Peres, todos os meses oitenta. Um grupo de meninas do Barreiro cem. Fazenda para a alfaiataria. No Lar do Porto dez mil de alguém que quer fazer caridade.

Uma mulher de limpeza do Porto mandou cinquenta e uma carta que é um monumento! Celebrei em 31 de Maio por sua mãe.

Uma carta de M. M. do Porto «Junto a prestação, aliás a contribuição deste mês e a de Abril que também estava em falta. Junto também 50\$00 para amortização da dívida que aí tenho, relativa aos meses de Dezembro e Janeiro, que não foi possível pagar na devida altura. Fica pois em débito a importância de 150\$00 que, se Deus mo permitir, espero liquidar em breve.

Com humildes e respeitosos cumprimentos».

*M. M. do Porto
Eu retribuio muito agradecido.*

Padre Acílio

matrimonial — todos os testemunhos da grandeza, da beleza, da santidade desta vocação divina são graças que sinto termos obrigação de aproveitar para edificação nossa.

Eu não conheci o «Foscoa» enquanto na nossa Casa. Sempre dele ouvi referências felizes e por isso mesmo o lembramos e lhe oferecemos uma oportunidade, quando, de África, nos deram lugares para tipógrafos. Foi então que eu tive as primeiras razões para o estimar: Declinou o convite porque se achava bem e queria, e era querido da casa que servia.

Faz a tropa. Regressou à sua oficina. Preparou o indispensável ao seu lar. Casou. Demos há meses a notícia. Hoje damos a fotografia da cerimónia. Agora vieram ambos. Tão amigos!, tão delicados!, tão discretos!

Ela sofreu na sua juventude. O seu sorriso perene, tão espontâneo, tão simples, entre uma pontinha de timidez e a sensação de muita sinceridade, não no-lo deixaria adivinhar. Ou porque aprendeu a altí-

sima virtude de sorrir na dor... Ou porque tem agora a compensação plena dos sofrimentos passados. Ou talvez pelas duas razões, porquanto ele sente e cumpre o dever de lhe dar essa compensação.

Tem a sua casinha, modesta, num bairro pobre do Porto. Bate o sol na sua casa e, como há sol lá dentro, são felizes.

Nem lhes corrompe a felicidade a cobiça de virem a ser mais do que ora são: ele tipógrafo, ela ajuntadeira. Nem os estagna a falta de aspiração de progredirem dentro da linha de progressão que lhes é possível. Viverem do seu trabalho, dado em colaboração harmoniosa aos seus patrões; viverem na paz, que a mesquinhez dos homens tão frequentemente rouba; terem para cada dia o pão para si e para os filhos que o Senhor lhes der — eis a riqueza que ambicionam. Tê-la-ão, na medida da sua Fé e da pureza das suas vidas segundo a Lei do Senhor.

Eles levavam nos olhos, ao partir, a alegria de terem aqui passado aqueles dias: Ele talvez por reviver momentos que julgaria não serem mais de reviver; ela por encontrar aqui sua Família, com que, certamente, não contava...

Eu fiquei desejando que todos os nossos que já partiram, ao regressarem dois, nos possam trazer uma impressão igual.

Filhos de pai incógnito

É uma criada de servir. Tem dezoito anos. Foi traída pelo homem que julgava amá-la. Dessa traição, uma segunda vítima nasceu.

Porque se não queixou? — «Não valia a pena, pois a uma outra minha irmã aconteceu-lhe o mesmo com o chefe de finanças de x, e ela foi para o tribunal, mas ele arranjou de maneira a que tudo passasse em desabono dela. Agora está a servir, como eu, e o filho está meu pai a criá-lo.»

Esta confissão é um queixume que tu ouvirás, e que eu desejaria que chegasse até onde se pudesse resolver estes e muitos outros casos.

«Não valia a pena!»
Um chefe, traidor! Quantos assim não há? Eu digo mesmo, que muitos dos pais incógnitos são destes senhores de posição, capazes não só de cometer o crime, como também de evitar serem punidos. O lugar deles na sociedade permite-lhes subjugar, vitimar as infelizes, e ludibriar a própria sociedade.

Repara amigo Leitor: Há «filhos de pai incógnito» em que meio? No meio pobre. Isto diz que se permite troçar da Pobreza, e transformá-la em miséria. Ora, se a miséria é corrupta, tentemos quanto antes evitá-la.

Há dias, descendo aquelas ruas em direcção ao Barredo, viam-se mulheres meias escondidas nos portais, tentando quem passa, expondo seu corpo como se fora um objecto de negócio. Miséria!

Miséria sim. Construída e multiplicada por aqueles que não vêem na sua serva, na sua criada, naquela rapariga pobre que está debaixo do seu mando, mais do que um corpo para satisfazer os seus instintos pecaminosos.

A miséria não provém delas, mas daqueles que as levam para lá, daqueles que podiam evitar, ou pelo menos subtrair. E não querem, porque são réus dos próprios delitos que deviam punir.

«Abriguei então na minha alma por momentos num ar de compaixão, as prostitutas. Pobres mulheres. As patroas mercadejam-lhe e os homens gozam-lhe a carne que um dia foi inocente... Em nós, nunca viram mais do que a besta. Amo-as eu, as prostitutas, porque sei que muito sofrem!! E amam-nas, da mesma forma e pela mesma razão, todos os que conhecem e sentem o valor metafísico da humanidade» — Isto sentiu Pai Américo, que amava todos os que sofriam ultrages dos outros. Tantas prostitutas de hoje, eram ontem mulheres com vontade de fundar um Lar! E nós, não só lhe roubamos o ideal para que foram criadas, como permitimos a corrupção.

Porque se não queixou?

«Não valia a pena...»
Não é uma queixa, amigo Leitor, é uma lágrima de quem tem sede de JUSTIÇA. A hora que passa é de Evangelho que precisa.

Ernesto Pinto

PELAS CASAS DO GAIATO



LAR DO PORTO

Não é só no Entroncamento que se dão os grandes fenómenos!... Aqui também temos verificado alguns, embora tenhamos guardado sempre o maior silêncio. Não podia contudo ficar indiferente ao que acabo de verificar, pelo que resolvi esclarecer os nossos prezados leitores, do sucedido.

Verificando eu que um casal de pombos dos que cá temos não dava criação, resolvi arranjar um ovo de galinha, o mais pequeno possível, para não dar nas vistas e, como quem não quer a coisa, coloquei-o a um canto da sua divisória, num local de fácil visão.

Qual não foi a minha admiração ao verificar que, passados dois dias, o dito ovo se encontrava ao centro, em cima de um monte de pequenos paus.

Passadas 3 semanas e quando menos esperava, ouvi um piar muito agudo vindo do ar. Antevendo o êxito corri apressado e topei com um lindo pintinho, já completamente fora da casca e devidamente seco, que piava não sei porque motivo. Tirei-o seguidamente para que as pombas lhe não fizessem

mal e entreguei-o à Sra. D. Diamantina, para que cuidasse dele.

Foi difícil convencê-la e, se não lhe mostrasse as cascas do ovo que ainda se encontravam no ninho das pombas, ela não acreditaria na proeza e, verdade seja uma só, um ovo tão pequeno, dar um pinto tão grande, é de admirar. Passado algum tempo, era ele o divertimento e a admiração de toda a malta.

Se o colocássemos no chão e chamássemos por ele, corria para nós e colocava-se debaixo das nossas pernas, a piar como quem sente frio e procura agasalho. Era tão engraçado! Certo dia porém, um descuido brutal de dois dos nossos rapazes deu-lhe a morte.

Todos ficaram tristes, mas conformados, porque o rapaz não teve culpa. Foi pois deste modo que ficámos sem o nosso maior fenómeno de todos os tempos.

Não desanimei e, cheio de esperança, coloquei no mesmo local outro a ver se colava. Vamos pois a ver se dará alguma coisa e se este, no caso de nascer, terá mais sorte do que o primeiro.

Alberto de Almeida

FACETAS DE UMA VIDA

Contin. da primeira página

lecimento ela é o melhor que se pode imaginar. O bom gosto do F. excede mesmo tudo aquilo que eu suponha. Agora mesmo, ocasião de Carnaval, tem a montra de tal forma que os eléctricos param e apeia-se gente para ver. Há sempre uma certa curiosidade dos transeuntes que os fazem parar ali e eu tenho sido um dos grandes admiradores. E assim há, em grandes reclamações a letras encarnadas:

Um colar de coral fino (malaguetes), alfinetes de segurança última moda (pregos de ferro enormes), alfinetes de gravata (pregos com um feijão na ponta). Em chapéus, então, uma verdadeira criação.

Há uns com macarrão a fingir fivelas artísticas, outros com aletria a fingir egretes e há um então que vem a ser, com licença de Vossoria, um penico de ferro esmaltado, tamanho regular, com uma enorme echarpe azul a fingir os chapéus que as inglesas usam em viagem.

Muito amigo e dedicado,

Américo de Aguiar

(Carta de Lourenço Marques 17 de Fevereiro de 1920)

Outro traço de humor, mais sintomas do desprendimento dos bens da Terra, que viria a minar todo o seu coração:

Gratias por se ter lembrado deste seu humilde criado na carta de seu irmão. Aí, na Madeira, não deve haver mal que se receie, a não ser quando as doenças que nos atacam são como aquela que nos roubou Júlio Diniz, que aí procurou remédio, e disse a um amigo, já sem esperanças de melhoras, que a única Madeira que poderia curar teria que ser aque-

la de que o seu caixão havia de ser feito!

Eu estou aqui, como sabe, pelos modos, e não preciso dizer-lhe a razão porque saí do Chinde porque você já a adivinhou. Perdi muito, uma fortuna mesmo, mas saí porque assim quis e saí a tempo, ressaltando o meu brio de Português que outros desejavam apoucar. E como sou solteiro, e não tenho família que de mim dependa, posso bem sofrer as consequências do «golpe de estado», por muito ásperas que elas sejam.

Eu converso assim consigo porque sei a quem digo as coisas e por isso deixe-me dizer-lhe o que sinto de tudo isto, e Deus queira que eu seja pessimista. Digo «Deus queira» não só para ter um futuro seguro, que isso, para o caso, seria o menos, mas muito principalmente para ver nesta nossa África uma Casa Portuguesa de nome e prestígio, coisa alheia no nosso meio.

Não estou assente e nem mesmo sei o que hei-de fazer se isto não vinga. O meu capital é £360. Dois contos e mais 10 contos em Lisboa. Isto, depois de 14 anos d'África e estou muito contente nem me aflijo com as grandes riquezas dos novos ricos porque na minha opinião, ser rico não é ter muito dinheiro; é saber viver com aquilo que se tem.

Lembre-me a todos de casa e escreva-me uma carta muito grande, seu preguiçoso, senão fico rabioso consigo e jamais lhe escreverei.

Seu muito amigo,

Américo de Aguiar
(carta de L. Marques 22-2-921)

30,000 x 20\$ = 50 casas

Não é pela importância material! Se o fosse, teríamos suprimido definitivamente esta coluna, que, de tão magrinha, já não ofereceria segurança! Mas as colunas que suportam a «Obra da Rua» e todas as obras que dela nasceram não colhem a resistência das suas dimensões terrenas. Aqui as leis de estabilidade são diferentes: misteriosas e loucas aos olhos dos homens prudentes do século, mas, apesar disso, realidades inegáveis porque factos e, «contra factos...»!

De resto, bastava a origem da ideia, como diz uma assinante, «inspirada pelo Espírito Santo a uma leitora», ideia que como todo «O Gaiato» (É a mesma assinante a escrever) «desperta consciências e ensina a amar a Deus e ao próximo», pelo que o dito leitor se subverte muito grato — bastava essa origem e a dedicação da leitora inspirada, para que perseverássemos em oferecê-la à boa-vontade dos

outros leitores.

Mas é que este zelo já não é só dela! Não é o grande número, é uma minoria, mas ainda assim muitos assinantes, que tomaram o convite por ordem e aí se apresentam, uns mensalmente, outros pelo Natal e pela Páscoa, outros quando liquidam a sua assinatura, uns só por si, outros por si e pelos que não correspondem ao alvitre — todos «com bastante pesar por a ideia ser pouco correspondida», «porque a campanha está bastante esmorecida».

E depois, a delicadeza da forma por que aparecem os que aparecem!: «Cá estou com a minha dádiva, desta vez bastante atrasado em virtude de me encontrar prostrado no leito com uma grave doença. Mas nunca me esqueço dos Pobres. Assim, aqui me tem a liquidar o meu débito...»

O zelo de alguns, doído pela apatia de muitos, preparam novas modalidades:

Campanha de Assinaturas

Estamos quase no verão. As férias, naturalmente, vão dar férias ao movimento da Campanha e já esta quinzena notámos um abatimento sensível. Mas isto foi sempre assim na época do estio.

Todavia, como pelas notícias dos entusiastas da Campanha não vimos, ainda, sinais de cansaço, prosseguiremos a marcha mais uns tempos.

x x x

PORTO/LISBOA — Eu já sabia que Lisboa havia de acordar. E acordou! A esfregar os olhos segue um pouco mais recheada e, entre as presenças, há uma lista enviada por uma Senhora — a primeira portuguesa licenciada num curso superior — velha amiga da nossa Obra. Não mencionamos o seu nome para não ferir a sua modéstia. Mas, por muito nos querer, quando aparece, ficamos contentes.

O Porto, vá lá, não se perdeu no caminho e continua a marcar uma presença viva. Assim, sim! No entanto, aguardamos que as férias não amoleçam os apaixonados do Famoso. A mesma recomendação pra Lisboa, evidentemente.

x x x

DO MINHO AO ALGARVE — Antes de mais: «Presente o 9330, que sempre na linha de fogo pretende levar mais luz a novos amigos, que prometem (dois assinantes de Mogege e Joane — Famicão). Continuo a dar a volta a Portugal, não em bicicleta, mas de carro com o «Famoso» a meu lado».

Quando o coração arde por uma causa, o interesse jamais desfalece, ainda que surjam escolhos no meio da estrada. Aqui está, meus senhores e minhas senhoras, o rei da Campanha, «que sempre na linha de fogo pretende levar mais luz a novos amigos». Que homem feliz!

Braga, não há dúvida, tem aparecido raras vezes nesta coluna. Mas hoje traz 4 assinantes e quem os acaçou pede para ver se o jornal vinha já na próxima saída. É o interesse pela nossa Festa?

Depois temos Setúbal e Aguas de Moura, pela mão do Snr. Padre Acílio. E mais Senhora da Hora e Santarém, Amadora e Coimbra, Penafiel, Abrantes e Macedo de Cavaleiros.

Eis tudo. E até à próxima se Deus quiser.

Júlio Mendes

«Remeto mais vinte escudos (20\$00) para a campanha «30.000 x 20\$ = 50 casas», de que ultimamente se tem guardado tanto silêncio. Terá chegado ao ponto final?

Se assim é, talvez seja oportuno experimentar outra modalidade.

Estamos no tempo em que o movimento cooperativo é uma realidade; a cada passo nos aparecem notícias da criação de cooperativas agrícolas, de construção, de consumo, etc.

E diga-se de passagem que este movimento tem operado grandes prodígios.

Não seria bom pensar-se também na organização da «Cooperativa dos Pobres»?

É tudo muito fácil! Não tem formalidades burocráticas, pois não há livros de registo, estatutos ou regulamentos, mas apenas acções ao portador representadas por algum, ainda que pequeno, sacrifício.

Todos podem inscrever-se como sócios, com a certeza de que Deus os recompensará pagando os dividendos à taxa de cento por um».

A consciência de outros, afinada pelo exercício do amor do próximo, que é o degrau normal porque se sobe até ao amor de Deus, dá-nos destes testemunhos:

«Venho penitenciar-me duma grande falta que cometi, pois passou no dia de Cristo Rei o aniversário das 30.000 x 20\$00 = 50 casas, e passou o Natal sem que eu tivesse enviado a importância que a isso me comprometi. Junto envio agora 40\$00 referentes ao Natal e Páscoa, pedindo a todos os assinantes que possam, que não se demorem como eu o fiz

Só a mim posso atribuir o esmorecimento desta inspiração, tão feliz no princípio, que nunca pensei deixar atrazar e que, sem motivos, apesar de me lembrar sempre, fui deixando para amanhã o que poderia ter feito hoje.

Peço perdão a Deus e a Vossa Reverência prometendo ser de futuro mais cuidadosa para com as boas inspirações de Nosso Senhor.

Uma Assinante»

Eu creio que esta assinante é a da ideia!...

A necessidade de louvar e agradecer, «por todos os benefícios que temos recebido do Senhor Nosso Deus», dá-nos destoutros:

«É destinado a completar o 2.º ano da campanha das 30.000.

É pouco por não poder ser mais, mas da melhor vontade.

A graça de Deus que eu pedi ao ser iniciada a minha cota para a campanha, já a recebi — conseguir casa arrendada quando dela precisasse. Já a obtive: um andar azeitadinho e novo a estrear, aqui na vila onde sirvo há trinta anos».

Ora digam lá se tem algum valor a quantia material, fôs-

FERIAS FORÇADAS EM ORDINS

O grito que encima estas linhas já chegou à Beira. De lá me vieram 100\$ e ainda 1.000\$ (creio que se trata da mesma pessoa), «depositados à ordem da Casa do Gaiato». O amor e a dor juntam os portugueses. Ora vejamos: «as férias forçadas aproximam-se, o desaparecimento de tantas famílias angolanas que talvez ajudassem a Obra e a necessidade de muitas outras que ficaram sem nada, levam-me a pedir a V. o favor de destinar aquela importância (1.000\$) a dois chalhinhos para bebé e a camisolas para as vítimas de Angola».

O mundo arde em ódios de morte, solapados debaixo de ideias e sentimentos, a que também chamam, desvirtuando o nome, justiça, humanismo, patriotismo. Ora o ódio vence-se, satisfazendo as exigências da virtude da justiça e coroando tudo com o amor. O ódio contra os portugueses angolanos acendeu em todas as outras nossas províncias uma chama viva de solidariedade cristã, indo em socorro das vítimas do mais bestial terrorismo.

Ordins não podia ficar indiferente perante os angolanos que tanto sofrem. Uma rapariga veio-me entregar para eles algumas das suas roupas, ainda sem usar. Foi o começo. Um grupo de raparigas deu a volta ao lugar. Só iam por roupas e calçado. E valeu a pena, a ponto de se pensar numa pequenina exposição, para Ordins ver com seus olhos os frutos do seu amor. A par dos dois chales e 25 camisolas, todas diferentes e tão lindas, encomendados pela Beira, como acima se diz, lá se encontravam 155 peças de roupa (vestuário e roupa de cama), 1 mala de senhora e 7 pares de calçado, tudo novo ou em muito bom estado, oferecidos por Ordins. A sala dos doentes e o consultório médico foram pequenos, para expor o que a nossa caridade ia dar. A sala dos teares também abriu as suas portas, mostrando a esta gente inculca o que Ordins pode fazer, pois tantos o ignoram. Lá se via uma enorme passadeira e alguns tapetes. Mas os olhos de todos ficaram presos da beleza das carpetes, e estavam lá quatro todas diferentes.

Enviando Lisboa 300\$, para a «manufatura daquilo que lhe pareça mais necessário em qualquer das Casas do Gaiato» utilizam-se numa passadeira para Beira e numa carpete para P. de Sousa que breve, se entregará. E termina em esperança e numa bênção: «Espero poder vir a dar mais trabalho às suas tecedeiras. Que Deus os ajude e nos abra os corações».

Olho Marinho veio às pegadas para a cozinha. Gostou e tor-

se qual fôsse (Desde a última crónica foi 1.060\$00), diante destes valores, que têm a verdadeira consistência de colunas?!
Padre Aires

nou por um tapete de 0,50 m. x 1 m. «Fiquei satisfeita com o tapete, que muito me agradou e por ter ajudado as minhas irmãs de Ordins». Monte Estoril tem prontos a seguir dois tapetes: um de 1,20 m. x 0,60 m. e outro de 1,60 m. x 1,50 m. Lisboa tem a fazer aqui um de 1,80 m. x 0,75 m. para uma Igreja.

Quando estas «Férias forçadas» vierem a lume, Lamas terá pronta para a sua Igreja uma carpete de 3 m. x 2,50 m. Está também à bica a encomenda da Quinta do Hospital, em Entre-os-Rios: uma carpete de 4,40 m. x 2,80 m. outra de 2,10 m. x 1,70 e uma passadeira de 5,65 m. x 0,65 m. A senhora das camisolas veio desta feita, por nove para as vítimas de Angola. Muito obri-do pelos 50\$ para «merenda ou passeio das pequenas aprendizas». Para a Casa dos Rapazes de Luanda foram duas, como amostra, para quem pretende 170 camisolas. «Em vez de estar a comprar aqui casacos usados aos americanos (que se portaram bastante indecentemente para conosco...), lembrei-me que ficaria talvez mais bem servido com as v/ camisolas».

Sufragando duas pessoas amigas, Lisboa trouxe 170\$ e esta dor: «quando leio no Gaiato os seus desabafos tão cheios de preocupação pela sorte das tecedeiras lamento ainda mais não poder ajudar muito e sempre tanto essa Obra, como todas as que se ligam à Obra da Rua».

Mão na minha mão e 50\$. Outro tanto para «novelos». De Lisboa 10\$ e 10\$. Alijó trouxe lãs. De algures, uma nota pequena, sem mais nada... e já dizia tudo. Em honra de S. Judas Tadeu, cinco vezes mais. Cumpri. Do grande Sanatório do Caramulo, metade «para a maior necessidade».

Maria da Saudade e Coimbra trouxeram selos. A Praia da Granja deles usados. Faço votos para que apareça mais vezes. Dantes também mos enviava a Rua de Almada, no Porto, bem recordadinhos... De Inês, 10\$ para as tecedeiras e o dobro de Maria da Glória, para quem foram uma colcha de cama e uma capa de lá.

Uma avó tripeira agasalha com um chale dos nossos o primeiro netinho. Quanto amor nesta encomenda. Lisboa debruça-se sobre o berço do oitavo filho duma família pobre. Mãe Irene trouxe-nos nova encomenda.

Alegrem-se os Pobres da Curraleira que vamos ter chales para eles. Para o Barredo, por ora, nada sei. Mas o melhor é guardamos a notícia para as próximas «Férias forçadas».

Setubal, Coimbra e Eixo aqui seguem, juntinhas à Av. de António A. de Aguiar, na Capital, que tantas vezes nos vem ajudar. Pode vir, minha Senhora, pelas suas cores predilectas.